



UNIRIO

Universidade do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Humanas - Escola de Educação

**O desenvolvimento da sexualidade infantil e a
importância da orientação sexual na escola**

por

Flávia Câmara Neto

*Rio de Janeiro
2002*

Flávia Câmara Neto

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

O desenvolvimento da sexualidade infantil e a importância da orientação sexual na escola

Reitor: Pietro Novellino
Decano: Maria José Wehring
Diretor: Daise Hora
Chefe de Departamento: Mônica Mandarino
Professora: Sueli Barbosa Thomas

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

O desenvolvimento da consciência da importância da pesquisa em educação

Reitor: Pietro Novelino
Decano: Maria José Wehling
Diretor: Daise Hora
Chefe de Departamento: Mônica Mandarino
Professora: Sueli Barbosa Thomaz

**O desenvolvimento da sexualidade infantil e a importância
da orientação sexual na escola**

POR

FLÁVIA CÂMARA NETO

Monografia apresentada à Escola de
Educação da Uni-Rio para obtenção
do grau de bacharel em Pedagogia.

Professor Orientador: PROFA. DRA. RITA MARIA MANSO DE BARROS

Rio de Janeiro
2002

A
Deus, pela minha vida e pela
capacidade de aprender e de pensar.
Meu Deus, tu és fiel. Te amo.

Agradeço aos meus pais pelo incentivo, ao meu marido pela paciência nos dias de sol, quando eu estava estudando.

Agradeço também aos professores que me ensinaram praticamente como não proceder com o aluno pedagogicamente.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
I) O desenvolvimento psicossocial infantil.....	8
1- Fase Oral.....	10
2- Fase Anal.....	13
3- Fase Fálica.....	14
4- Período de Latência e Fase Genital.....	17
II) Desenvolvimento Emocional e Socialização.....	19
III) Meu Filho é Sexuado: Uma descoberta da Família.....	27
IV) Sexualidade: O que a mídia tem com isso?	30
V) Sexo: Um assunto para sala de aula.....	35
Conclusão.....	42
Referências Bibliográficas.....	44
Bibliografia.....	46

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar o desenvolvimento sexual humano, e as relações entre as vivências da infância e adolescência com a vida adulta. Neste mesmo sentido, busca-se analisar qual a importância da orientação sexual na escola, e como estas abordagens devem ser feitas.

Trata-se de uma modesta contribuição para a compressão da sexualidade com o objetivo de proporcionar uma abordagem clara, e não preconceituosa para professores, pais e alunos de cursos afins.

O estudo da psicologia do desenvolvimento pretende elucidar as mudanças mais importantes que ocorrem nas crianças com o decorrer do tempo durante toda vida. Ou seja o desenvolvimento do indivíduo é constante e só termina com a morte.

A análise da história da humanidade demonstra que a preocupação com o estudo da criança é muito recente. Até o século XVII, as crianças eram tratadas como pequenos adultos. O cuidado com o trato de crianças se limitava aos bebês, mas a partir dos três anos, não havia nenhum tipo de cuidado com o que estas crianças viam, viviam e sentiam.

A partir do século XVII, a Igreja reconhece que o contato precoce com as questões sexuais¹ era prejudicial para o desenvolvimento moral das crianças. Este foi o ponto de partida para a compreensão da criança como um indivíduo com peculiaridades próprias. Mesmo que neste primeiro momento, o objetivo tenha sido somente desviar a atenção das crianças do sexo para outras atividades como a leitura e a aritmética, e não tratar tais questões com o objetivo informativo.

Torna-se necessário esclarecer que sexualidade não tem a mesma conotação que sexo. Sexualidade é um elemento da configuração do ser humano que influencia e influenciará todo seu comportamento desde o momento do nascimento até a morte do indivíduo. Assim, tanto um bebê quando um idoso, que não tem vida sexual ativa, têm sexualidade como parte da sua formação humana. Neste sentido, pode-se concluir que a sexualidade está sempre presente na vida humana, e se relaciona muito mais com aspectos psicológicos e comportamentais do homem do que com sua organização biológica.

Sexo é um elemento intimamente relacionado com a sexualidade, mas não aparece em todas as fases do desenvolvimento humano. Ele é uma característica, que em casos normais, aparece durante a fase genital e tende a se transformar durante a idade madura. Isso não

¹ Era comum que crianças assistissem às orgias dos adultos.

significa que os idosos não tenham vida sexual, mas que com o tempo tanto a forma quanto a frequência tendem a mudar. Além disso, o tempo também faz com que a relação entre o homem e o ato sexual em si mude, tornando-o muito mais sentimental do que físico e transformando a frequência, tão importante na juventude, em qualidade de prazer.

No primeiro momento, serão abordados conceitos informativos fundamentais para a compreensão do desenvolvimento sexual infantil. Estes conceitos estão baseados nos postulados freudianos e comentados por outros autores, no sentido de tornar o texto claro e atualizado. Posteriormente, serão abordados os aspectos psicológicos e sociais do desenvolvimento. Contudo, é necessário esclarecer que esta separação visa tão somente tornar o texto didático, facilitando a compreensão do leitor, uma vez que as influências do desenvolvimento sexual e emocional ocorrem ao mesmo tempo. É curioso observar em exemplos do cotidiano como a sexualidade influencia no comportamento de adultos e crianças, assim como na relação entre pai e filho.

Com continuação do desenvolvimento emocional e social, tem-se uma abordagem especial sobre a adolescência e os conflitos vividos não só pelos adolescente, mas pelos pais e professores. O objetivo desta abordagem é conhecer um pouco melhor o adolescente, afim de facilitar a convivência e o trabalho de pais e professores diante do reconhecimento dos conflitos e transformações que tanto incomodam e fazem o adolescente incomodar.

Sexualidade: o que a mídia tem com isso? Esta pergunta é respondida no item IV deste trabalho, onde são apresentadas algumas influências da mídia sobre o comportamento social humano. Estas influências são analisadas considerando-se a personalidade do adolescente e dos pais dos adolescentes que também vivem conflitos diante desta nova experiência.

Não se pense, contudo, que há aqui a pretensão de esgotar o tema, ou solucionar todas as dúvidas e controvérsias. Existem outros aspectos que podem ser trabalhados, as teorias não utilizadas não estão sendo, de modo algum, invalidadas. Este é apenas um passo rumo ao conhecimento da sexualidade humana e o seu reflexo no comportamento emocional e social do homem. É na busca pelo auto-conhecimento que se pode encontrar a essência para se viver e deixar que os outros vivam melhor.

D) O Desenvolvimento psicosexual infantil

Para desenvolver este tema, nos baseamos nos estudos de Freud sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil. A escolha deste autor deve-se não só ao fato de ter sido senão o primeiro mas sem dúvida o mais profundo e consistente autor a abordar esta questão, tão fundamental para o desenvolvimento humano. Essa escolha realça também a coerência e rigor conceitual apresentados em seus escritos e pressupostos sobre o tema.

Freud deu relevo aos assuntos pertinentes à sexualidade infantil. Considerou a infância como uma fase da vida tão importante quanto a fase adulta. Além disso, ele deu ao desenvolvimento sexual infantil o *status* de determinante da vida sexual adulta. Afirmou que o comprometimento de etapas básicas do desenvolvimento sexual infantil influenciará nos aspectos da vida adulta, tanto sexualmente como psicologicamente.

Na obra *Os três ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1905), ao examinar a literatura sobre sexualidade de sua época, Freud verificou que os autores que ele levantara só abordavam as questões da sexualidade infantil ocasionalmente. As atividades relatadas destacavam apenas a atividade sexual precoce em crianças pequenas, como: ereções, masturbação e práticas semelhantes ao coito. Mas nada diziam sobre os aspectos da organização da libido e do desenvolvimento da sexualidade como um processo de estruturação da criança que se tornará um adulto a partir das relações estabelecidas com os objetos – a mãe inicialmente – desde o momento do nascimento. Esta preocupação pioneira com a sexualidade, em sua dimensão maior de criação de laços afetivos, fez com que Freud fosse considerado o primeiro autor a reconhecer a presença da pulsão sexual na infância. A sexualidade é vista, pela psicanálise, como período de desenvolvimento evolutivo de todas as ligações afetivas estabelecidas desde o nascimento até a vida sexual adulta.

Torna-se necessário esclarecer que alguns aspectos inerentes às fases do desenvolvimento sexual do homem não fazem parte de sua memória na vida adulta. Isto se dá devido a um fenômeno, que ocorre com a grande maioria das pessoas, chamado amnésia infantil. Este fenômeno é caracterizado por Freud basicamente pelo esquecimento dos acontecimentos dos primeiros anos de vida. Ou seja, o momento de maior recepção e produção da vida humana fica encoberto. Boa parte dos fatos ocorridos na infância só são sabidos na idade adulta porque os momentos registrados pelos pais ou afins são contados posteriormente em conversas familiares. Porém as impressões esquecidas deixam rastros na vida anímica e tornam-se determinantes para o desenvolvimento do indivíduo na vida adulta.

Podemos considerar que a vida sexual de uma criança costuma ser mais visível por volta dos três ou quatro anos; embora a maioria das pessoas considere que o desenvolvimento sexual se inicie somente na puberdade. Neste sentido, destaca-se que a puberdade não é o início do desenvolvimento sexual, mas o momento de aceleração dos processos que se iniciaram a partir da vida embrionária. Este é o motivo pelo qual todas as etapas deste processo devem ser consideradas desde os momentos mais elementares afim de que tenhamos melhor compreensão dos momentos mais complexos.

As fases do desenvolvimento sexual infantil são importantes por serem o período de organização da libido, que *é uma energia natural voltada para obtenção de prazer* (FIORI, 1981, a, p.33). A organização da libido compreende três fases do desenvolvimento infantil em torno das zonas erógenas¹. Estas fases são a oral, a anal e a fálica. Depois de percorrer estas três etapas básicas, a criança entra em uma fase denominada período de latência. Este período será intermediário entre as fases infantis e a fase final adulta; a fase genital.

É mister destacar que a satisfação sexual da criança, abordada por Freud, não pode ser confundida com satisfação genital. Esta, por sua vez, é característica da vida adulta que envolve o encontro dos genitais tendo algumas vezes em vista a procriação.

A partir do nascimento a criança perde sua relação de simbiose estabelecida com a mãe durante a gestação; e por isso, ela é obrigada a iniciar sua adaptação ao novo mundo que lhe é imposto. O bebê, enquanto está no útero materno, tem alimento, respiração, excreção e todas as demais funções vitais controladas involuntariamente pelo corpo da mãe. Contudo, a partir do momento em que o cordão umbilical é cortado, a criança sofre seu primeiro trauma, iniciando sua luta pela vida. O corpo agora deve funcionar por sua própria conta. A criança deverá respirar sozinha, sugar o leite, eliminar fezes e urina, em suma, tendo a necessidade de controlar os mecanismos biológicos. Mas aqui iniciam-se os processos psicológicos de projeção e introjeção dos objetos do mundo.

Com a amamentação, o seio materno torna-se o primeiro objeto de ligação entre a mãe e a criança. É através dessa relação que a criança conhecerá seus primeiros amores e ódios. A partir dessa relação com um objeto parcial (o seio) que a criança reconhecerá seu primeiro objeto total; a mãe. Ao incorporar o leite e o seio da mãe, sentirá como se sua mãe estivesse dentro de si. Da mesma forma, a criança buscará reconhecer o mundo por meio da boca. Neste

¹ São partes da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade

período, tudo que a criança pega e descobre, só será reconhecido pela boca. Freud classificou esta fase do desenvolvimento infantil como fase oral².

1 A fase oral:

Devido a amnésia infantil tratada anteriormente, os adultos normalmente não se recordam de alguns fatos do seu desenvolvimento. Contudo, ao observar atentamente o comportamento do adulto, percebe-se que ainda existem nele resquícios deste comportamento infantil. Fiori³ (1981) aponta a comunhão cristã como um bom exemplo deste sentimento de obtenção do objeto de desejo pela oralidade. Quando se comunga, não se come apenas algo sem significação alguma ou um elemento meramente material. *Através da hóstia, incorpora-se o corpo de Cristo. Não exatamente o seu corpo, mas os seus atributos: a bondade, o amor, o perdão, a fé, a esperança* (FIORI, 1981, c, p.36). Pode-se concluir que a incorporação é a etapa concreta da introjeção e organização definitiva da identificação. *Da mesma forma, a criança ao ter contato com o seio materno introjeta a identificação do seu primeiro objeto que é a mãe* (FIORI, 1981, c, p.36).

Freud (1905) percebeu que a amamentação além de saciar a fome também provoca prazer ao lactante. Por isso, mesmo depois de satisfeita na sua necessidade alimentar, a criança continua sugando o seio ou a chupeta até pegar no sono. Em alguns casos, a criança dorme mesmo sem o auxílio da chupeta.

Se as relações de amor e afeto estivessem ligadas somente às necessidades alimentares, as crianças criadas em instituições teriam seu desenvolvimento semelhante ao das crianças criadas com as mães ou afins, o que a experiência demonstra não ser verdade pois é *a capacidade de formar um vínculo de prazer que pode permitir a formação da afetividade* (FIORI, 1981, a, p.37).

Denomina-se desenvolvimento das relações objetais às progressivas ligações emocionais estabelecidas pelas crianças em relação a mãe ou ao seu objeto. O afeto que a princípio reconhecerá apenas a mãe, progressivamente reconhecerá o pai assim como as demais pessoas e objetos do mundo.

² A boca é a porta de passagem da criança para o mundo

³ Supervisor de Terapia Psicomotora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, ex-professor de Psicologia do Desenvolvimento das Faculdades Metropolitanas de SP, supervisor de psicoterapia infantil das Faculdades Paulinas.

1.1) Karl. Abraham (*Apud* RAPPAPORT, 1981), um dos colaboradores de Freud, destaca duas etapas do desenvolvimento da libido na fase oral. A primeira seria a amamentação que é chamada etapa de sucção, onde a incorporação visa a ingestão do mundo em si. Neste momento a criança ainda vive a fantasia da realidade em um comportamento narcisista.

1.2) A segunda etapa surge com os dentes, e é denominada oral sádico-canibal. Nesta etapa a criança experimenta sua capacidade destrutiva por meio de uma agressividade que aflora pela força da pulsão, semelhante a algo que se processa instintivamente. Esta mesma agressividade será fundamental no desenvolvimento da atividade social da criança nos anos seguintes.

1.3) Uma outra subdivisão da fase oral seria aquela que Freud (1905) classifica como “chuchar”, destacando-a como uma das manifestações da sexualidade infantil. O chuchar consiste na repetição rítmica e de sucção da boca e dos lábios com algo ou alguma parte do corpo, mas desprovido de possibilidade de nutrição. Podemos destacar como exemplos destas partes do corpo, as seguintes: dedos dos pés, mãos, e até mesmo partes do corpo de outras pessoas. O ato de chuchar é tão relaxante, que faz com que a criança sinta a atenção da mãe voltada exclusivamente para ela. Esta condição de satisfação, que não envolve necessariamente a ingestão de alimento, leva a criança a um êxtase tão satisfatório quanto um orgasmo na vida adulta. Relaxada, a criança adormece. A criança que chucha está em busca de um prazer já vivenciado anteriormente, ou seja, ela está em busca de renovar este prazer. Chuchar é uma satisfação auto-erótica; porque a criança se satisfaz com o próprio corpo.

O auto-erotismo

Freud (1920) destaca que para Havelock Ellis o termo “auto-erótico” é interpretado de maneira diferente. Não seria uma excitação provocada de fora, mas que nasce do interior do indivíduo. Assim o chuchar não seria auto-erótico, porque ele parte de um estímulo externo, da primeira atividade vital da criança que é mamar no seio materno. Contudo, Freud defende sua posição, afirmando que para a psicanálise, o essencial não é a gênese da excitação, mas a relação com o objeto. Ou seja, não importa se a prática do chuchar foi estimulada no período de amamentação, mas o que a torna auto-erótica é o fato da realização sexual se completar produzindo prazer, uma vez que a criança toma o próprio corpo como objeto de desejo. Isso é o que classifica a ação como auto-erótica.

Quando a criança escolhe o próprio corpo para sugar, ela assim procede por desconhecimento do outro e por comodidade, e porque isso a torna de certa forma, independente do mundo externo que ainda não pode ser dominado por ela.

As zonas erógenas

Algumas partes do corpo são classificadas como zonas erógenas. Essas áreas são basicamente representadas pelas mucosas e pela epiderme. Sua função é produzir algum tipo de reação prazerosa em resposta a um estímulo. Existem zonas erógenas determinadas ou predestinadas para esta função, enquanto outras também podem se apropriar deste papel, dependendo das escolhas do sujeito.

Os lábios da criança são zonas erógenas que a princípio estão associadas à necessidade do alimento, por isso são um mecanismo de preservação da vida. Esta é a primeira função da atividade sexual. Somente na fase genital ela torna-se independente das necessidades básicas do homem.

Não são todas as crianças que chucham. Isso se explica pelo fato de que algumas crianças são mais estimuladas oralmente que outras. Por isso têm sua zona erógena (lábios neste caso) mais estimulada, fazendo com que o reforço de uma satisfação vivida se torne mais evidente.

O alvo sexual da pulsão infantil busca a satisfação por meio do estímulo de uma determinada zona erógena previamente escolhida. Assim, a busca por prazer associada à descoberta do próprio corpo acabam por levar a criança a conhecer a masturbação.

Torna-se necessário esclarecer que existem três fases da masturbação infantil. A primeira é parte do período de lactação, a segunda fase é quando a masturbação faz parte do desenvolvimento da atividade sexual, por volta do quarto e quinto ano de vida; e somente a terceira fase apresentada na puberdade é a busca do prazer genital propriamente dito, e a única a ser tratada com maiores critérios.

A masturbação infantil do lactante tende a desaparecer após um certo espaço de tempo, porém caso isso não ocorra, ela pode se estender até a puberdade, de modo que as outras fases do desenvolvimento sexual serão puladas, e este pode ser o primeiro grande desafio do desenvolvimento sexual.

Em casos normais, após o desaparecimento da masturbação do lactante, a criança passa por período de latência, e posteriormente ela retorna a esta fase no período

compreendido entre os quatro e cinco anos de idade, fica por mais algum tempo até o efetivo período de latência e retorna durante a puberdade, podendo se prolongar por toda a vida.

Em alguns casos a satisfação não obtida pela masturbação é substituída pela poluição noturna, assim como nos adultos. Isso é muito comum ocorrer em casos de enurese noturna em crianças que não possuem nenhuma disfunção física, principalmente meninas segunda etapa da infância.

2 – Fase anal:

Para Freud (1905), a segunda etapa do desenvolvimento infantil é a fase anal. Esta normalmente se inicia no segundo ano de vida da criança, quando ela já possui controle muscular desenvolvido, e a organização psicomotora se torna evidente. Nesta fase, a criança já começa a andar, falar e possui precisão na pinça indicador-polegar.

A criança já percebe que ela possui coisas, que ela produz algo em seu corpo e sua fantasia básica está ligada ao valor simbólico do controle das fezes. As fezes possuem valor simbólico para as crianças, por serem produzidas pelas próprias crianças e por gerarem prazer ao serem expelidas. Agora, a zona erógena em primeiro plano é a anal⁴.

Existe também o prazer biológico, isso porque as crianças são sempre motivadas pelas mães a fazer cocô no troninho⁵, ao solicitar para ir ao banheiro etc. Todos esses processos fazem com que a criança sinta que a mãe está mais próxima e com toda atenção voltada para a tão surpreendente produção de fezes de seu filho. A criança, mais uma vez, sente-se como centro das atenções, e este fato também lhe dá prazer.

2.1) A fase anal é subdividida por Abraham (1905) em duas modalidades. A etapa inicial é caracterizada pelo domínio da excreção que se relaciona com o mecanismo psicológico da projeção.

2.2) A segunda etapa é retentiva, está ligada ao controle que a criança descobre exercer sobre as reações do seu corpo. Este controle é uma forma de identificação da criança com seu corpo e suas relações com o mundo.

⁴ Isso não significa as demais zonas erógenas perderam sua função, mas assinala um novo campo de conhecimento e reconhecimento do corpo pela criança. Muda-se apenas a fonte de obtenção de prazer

⁵Nome dado pelas mães aos sanitários feitos para crianças

3 – Fase fálica

A fase fálica apresenta-se, normalmente, por volta dos três anos de vida. A libido sofre nova organização e a zona erógena evidente é a genitália. A fase fálica recebe este nome pela primazia do órgão genital masculino, o pênis ou *falo*⁶, de modo que a própria sexualidade é definida como masculina. Neste momento, pênis e clitóris são equivalentes fálicos no plano da fantasia.

A criança desenvolve um interesse especial pelos seus genitais até que descobre a masturbação. Neste momento, a criança reconhece a diferença básica entre meninos e meninas e desta forma busca classificar os demais elementos do mundo pela divisão entre meninos ou meninas. Esta definição toma como referencial o pênis, ou seja, se tem pênis ou “lulu”, classificamos como meninos, caso contrário, temos uma menina. Assim, podemos perceber que somente o gênero masculino distingue as pessoas; a vagina ainda permanecerá desconhecida por um bom tempo.

O reconhecimento da ausência do pênis na menina, segundo a visão da psicanálise, faz com que a menina sinta-se como que castrada e torna o menino cada vez mais orgulhoso de seu órgão. Este orgulho pode ser percebido pelo temor dos meninos em perder o pênis, órgão que o faz superior ao gênero feminino. Surge o temor pela perda de um pedaço fundamental de si, a angústia de castração.

Podemos observar que os adultos ainda preservam o temor pela castração internalizado. A prova disto é o costume dos adultos em ameaçar as crianças utilizando artifícios inerentes a castração. Por exemplo: “se você bater no cachorro ele vai comer o seu lulu”, ou ainda, “se não lavar bem o lulu ele vai cair”. Todos esses artifícios educativos são uma prova de que estes processos ficam internalizados até a vida adulta, e os adultos se aproveitam de suas experiências infantis para manipular o comportamento das crianças.

Através da manipulação dos genitais, as crianças, na fase fálica, já buscam satisfação de seus desejos sexuais, mas ainda dentro da fantasia infantil; uma vez que a satisfação sexual real só pode ser experimentada na fase adulta ou genital. Embora a libido esteja fundamentada na zona erógena genital, sua configuração é dominada pela fantasia fálica. Mas esta fase também desempenha um papel fundamental na socialização criança tendo como principal importância a reorganização dos modelos de homens e mulheres.

⁶*Phallós* – O mesmo que “pênis”, que se documenta em vocabulários eruditos, alguns formados no próprio grego.

Deste modo, é imperativo que o menino na fase fálica se dirija em busca de um objeto feminino. Essa escolha por alguém do sexo oposto é mais um artifício natural de preservação e manutenção da vida. Quem se tornaria o objeto de desejo masculino senão a própria mãe? A mãe é a figura feminina mais próxima e mais confiável que o filho reconhece e, por isso, ele a identifica como seu primeiro objeto de desejo. Esta relação estabelecida com a mãe, enquanto objeto de desejo, faz com que o menino crie vínculos afetivos que serão utilizados como protótipos na vida adulta no momento de escolha de uma mulher e na construção de uma nova família. Assim, *podemos dizer que é aprendendo a amar em casa que a criança se tornará um adulto capaz de amar fora* (FIORI, 1981, a, p.43).

Este é o primeiro momento da socialização infantil. A criança aprende a amar a mãe, mas pouco a pouco este amor se torna incestuoso e proibido. A figura do pai desencadeia um sentimento no filho de repressão ao amor ofertado a sua mãe. É necessário amar para se reconhecer as relações deste amor; mas surge o pai, como o dono da mãe, que de repente se torna uma ponte que, na mesma medida em que liga, separa o filho da mãe.

As fantasias que a criança tem de ser o namorado da mãe são abafadas pela presença do pai, ou de outra pessoa que dispute a atenção da mãe da mesma forma. Assim, o amor devotado ao pai se mistura com sentimentos de amor e ódio a ponto de fazer com que a criança idealize uma forma de eliminar seu concorrente.

Este processo de configuração da competição pelo amor da mãe foi exemplificado por Freud a partir do mito de Édipo. Esta relação foi denominada “complexo de Édipo”.

3.1) O mito de Édipo

Édipo foi uma personagem da mitologia grega. Seu mito foi conservado através dos tempos ao ser transformado numa tragédia na pena de Sófocles, escritor da Grécia clássica.

Conta-se que Édipo era filho do rei da cidade de Tebas. Quando ele nasceu, o oráculo de Delfos, cujo deus mensageiro era Apolo, revelou aos seus pais uma profecia: ele iria matar seu pai e casar-se com sua mãe. Depois desta profecia, seus pais, Laio e Jocasta, o entregaram a um pastor para que o matasse. Mas outro pastor estrangeiro, ao se compadecer da criança, convence o primeiro pastor a entregar-lhe a criança, mas informar ao rei de que a tarefa havia sido cumprida conforme ordenado. Édipo é levado a Corinto, onde os reis Políbio e Mérope, estéreis, o adotam.

Quando Édipo se torna adulto ele consulta o mesmo oráculo e fica sabendo da profecia. Aterrorizado, ele foge de Corinto com o objetivo de evitar uma tragédia, por não saber que era filho adotivo.

Em sua fuga, Édipo decide ir para Tebas e no caminho ele encontra e se desentende com um viajante nobre (que ignorava ser seu pai, Laio) e o mata. Algum tempo depois ele descobre o enigma da esfinge que assolava a cidade Tebas e a destrói, tendo como recompensa pelo seu ato a mão da rainha Jocasta, agora viúva, sua mãe. Com ela ele tem quatro filhos e a profecia se cumpre.

Quando Jocasta e Édipo descobrem que a profecia se cumpriu, ela se suicida e ele arranca seus próprios olhos em uma tentativa de auto flagelo.

Dentro desta mesma perspectiva de desejo e recalque, Freud constrói seus fundamentos básicos da psicanálise.

No triângulo edípico o pai é o maior, mais forte e, além de tudo, o dono⁷ da mãe. O filho que reconheceu todos os atributos do pai, percebe que não tem condições de lutar e teme a castração por parte do pai. Sem outra alternativa, seu amor pela mãe, enquanto objeto, é recalcado marcando o encerramento da fase fálica. Ao findar desta fase, a criança possui um modelo de amor heterossexual que posteriormente será retomado na adolescência.

O complexo de Édipo, também chamado de Complexo Nuclear, é o ponto central da organização afetiva dentro do modelo psicanalítico. Ele também ocorre nas meninas quando estas sentem a ausência do pênis, mas com a evolução sexual feminina a erotização clitoriana passa ser vaginal e a menina incorpora a vagina na organização de sua feminilidade. Dentro deste período, a fantasia básica é ser fértil e conseqüentemente ter um filho, que em fantasia seria o mesmo que ter um pênis, isto é, estar completa.

Melanie Klein (Apud, RAPPAPORT, 1981), psicanalista e estudiosa do desenvolvimento sexual infantil e dos postulados de Freud, chama atenção para um novo enfoque do desenvolvimento sexual feminino. Apesar de concordar com a inveja feminina do pênis, ela destaca que o homem também tem inveja da fertilidade feminina⁸.

Depois das experiências vividas nas primeiras fases do desenvolvimento sexual a criança entra em uma etapa chamada de latência que, como as demais é muito importante não só para o desenvolvimento sexual como também para o cognitivo da criança.

⁷A mãe é o objeto de desejo sexual, por direito, do pai.

⁸ Posteriormente a questão do Édipo e da sexualidade feminina serão aprofundadas

4 – Período de Latência

O período de latência⁹ é um momento intermediário de organização da libido para uma vida adulta que será caracterizada pela fase genital. Nas fases anteriores ao período de latência, a fantasia infantil tinha seu foco em uma dimensão erótica ou libidinal específica. A criança busca nestas fontes energéticas, impulsos que viabilizarão suas conquistas cognitivas, afetivas e sociais.

O período de latência marca claramente a separação da fantasia natural das fases iniciais para a realidade presente na fase genital, como período intermediário entre as duas principais fases do desenvolvimento sexual. Nota-se que, no período de latência não ocorrem novas relações objetais ou formação de novos quadros patológicos. Ou seja, a sexualidade infantil é tão importante para o desenvolvimento do indivíduo, que as suas conseqüências refletirão na vida adulta. Conseqüências estas ocasionadas pelas vivências nas fases iniciais do desenvolvimento sexual do homem.

Até aqui, tudo que foi abordado diz respeito ao desenvolvimento sexual propriamente dito, mas não se pode omitir que paralelamente a este desenvolvimento temos também a progressão do desenvolvimento psicossocial da criança.

Chama-se progressão pelo fato de que tanto o desenvolvimento sexual, quanto o psicossocial estão ao mesmo tempo passando por várias etapas de forma progressiva, ou seja, das mais simples às mais complexas. No entanto, torna-se necessário abordar estes aspectos separadamente, facilitando assim, a compreensão dos elementos apresentados.

O período de latência não só é um momento de definição entre as fases sexuais, mas é também o momento de organização das experiências das fases iniciais e das relações sociais estabelecidas entre a criança e o seu mundo. É durante esta fase, que normalmente as crianças têm vivências reais no mundo real, ou seja, antes elas viviam em um mundo real, mas protegidas por suas fantasias. Agora¹⁰ elas se vêem no mundo dos adultos, mesmo que este mundo ainda represente enigmas a serem desvendados.

É verdade que hoje, em uma sociedade capitalista, a maioria das crianças vão para a escola e se tornam “independentes” muito antes do período de latência. Mas, embora exista uma tendência ao amadurecimento precoce, estas crianças também passam pela fase das fantasias até chegar ao mundo real. Em alguns casos, pelo fato de serem separadas da família logo cedo, devido ao trabalho da mãe, por exemplo, a família tende a evitar o

⁹ “latente – Do latim *latens-entis*, adjetivo oculto, disfarçado, subentendido” (CUNHA, 2001, p.466)

¹⁰ Entende-se por: no período de latência

amadurecimento desta criança na tentativa de suprir seu complexo de culpa por ter lançado de forma precoce a criança no mundo dos deveres e obrigações. Este tipo de comportamento pode retardar o desenvolvimento psicossocial infantil, na medida em que a criança passa a sentir-se como um bebê e não como um sujeito das relações sociais.

Quando a criança se reconhece como sujeito das relações sociais, ela é capaz de construir regras para serem seguidas por sua pequena comunidade¹¹. Este é o momento de preparação para as primeiras relações sociais fora do convívio familiar.

Neste momento de preparo para o convívio social e escolar, todas as brincadeiras e jogos ganham regras a serem seguidas por todos da sociedade¹². Assim, este aspecto organizacional e legal das relações entre as crianças nada mais é do que o reflexo da percepção de que, a partir deste momento, elas fazem parte de um mundo real como o dos adultos. Esta é a ruptura entre a família do período edípico, centrado nas construções fantasmagóricas, e o mundo real como suas relações sociais definidas.

¹¹ Entende-se por grupo de amigos

¹² Crianças que fazem parte do mesmo grupo.

II) Desenvolvimento Emocional e Socialização

Como dito anteriormente, o período de latência é um marco no desenvolvimento tanto sexual quanto emocional do indivíduo, portanto, torna-se necessário trabalhar alguns destes aspectos de uma forma clara, mas sem se perder de vista as colocações apresentadas anteriormente.

Simultaneamente ao período de latência, observa-se que a criança tenta de alguma forma sair do grupo social constituído pela família, (ou pelas pessoas que exerçam este papel na vida da criança) para se projetar em um grupo social fora de casa. Este fenômeno pode ser caracterizado pela busca por um mundo real para além do mundo pintado pela comunidade familiar.

A criança, ao iniciar sua vida no grupo, vive dificuldades e conflitos que serão resolvidos sem a interferência de seus pais, ou adultos afins. O grupo se transforma na instituição social onde a criança sofre e é consolada.

A família, na ânsia de ver seus filhos como realizadores de suas frustrações, tende a super valorizar as atitudes louváveis de seus filhos e ignorar os seus erros. Ao contrário do grupo, onde todas as atitudes das crianças têm uma resposta intensa por parte de seus colegas seja positiva ou não. Este é o mundo real.

Fiori (1981) destaca que os jogos são elementos importantes na vida infantil, pelo fato de que por meio deles as crianças iniciam suas primeiras relações sociais sem a manipulação direta da família.

O jogo impõe regras a serem seguidas com o objetivo de que se obtenha uma conquista ao findar da partida. Para a criança estas vitórias representam suas primeiras conquistas reais no mundo real dos adultos.

Contudo, estas mesmas regras, que conduzem os participantes do jogo durante uma partida, podem levar estes indivíduos a uma briga dentro desta nova organização social que tenta projetar-se para o mundo. Neste momento, a criança compreende que o mundo não é aquele cor-de-rosa pintado por seus pais.

Os apelidos colocados pelos colegas geralmente são pejorativos e não tão amáveis quanto os colocados pela família. Em muitos casos, situações de constrangimento como esta levam as crianças a discussões e até mesmo agressão física. Assim, mais uma vez ela percebe que no “mundo real” nem sempre os pais estarão por perto para protegê-la de seus “inimigos”.

O medo e a disputa pelo seu espaço dentro do grupo fazem com que a criança sinta o doce amargo de se viver no “mundo real”. Mas esta sensação é fundamenta para a estruturação da sociabilidade infantil.

Por outro lado, os apelidos, que soam negativamente para os pais, podem ter uma conotação diferente na linguagem do grupo, de modo que a criança se sinta bem em ser chamado por um apelido que o identifica com o grupo.

Contudo, a relação com o grupo não é sempre de ódio ou de competição, em um dado momento este mundo amargo pode instantaneamente tornar-se doce. Isso acontece quando a criança percebe que este grupo pode funcionar como uma “guerrilha” contra os tão chatos adultos. Para os combatentes, esta organização social estabelecida tem como função (obviamente a ilusão) o progressivo afastamento do núcleo familiar, como citado anteriormente. O grupo se transforma em uma comunidade que compartilha das mesmas frustrações, medos, expectativas e conflitos.

Como regra geral, toda vez que uma criança se afasta muito da ideologia dos pais ou das normas vigentes no grupo social, isto pode ser considerado como uma atitude defensiva, um sintoma que, ou visa protegê-la de uma defasagem evolutiva que percebe, ou é uma reação sintomática às ambigüidades vividas pelos próprios pais.

(FIORI, 1982, d, p.7)

Deste modo, pode-se concluir que o traço geral da identidade de um grupo pode ter características semelhantes às de seus elementos. Não se pretende postular que todos os elementos do grupo sejam iguais, mas tão somente chamar a atenção de pais, professores e afins para as características que fazem com que um grupo se estabeleça e se comporte socialmente.

Assim, mesmo que o período de latência seja um momento no qual a sexualidade não sofra novas reestruturações. Estas não deixaram de ocorrer no que diz respeito ao desenvolvimento psicossocial.

Fiori (1982) destaca ainda que,

as crianças no período de latência estão em transição entre o mundo real. Segundo ele, “a criança em idade escolar não elimina a vivência das fantasias sexuais, mas não as vive de forma direta, nem em fantasia, nem em realidade. Ela as elabora em um campo intermediário”. (FIORI, 1982, d, p.9)

A citação acima pode ser exemplificada pelo hábito comum entre as meninas que gostam de dormir com um urso ou uma boneca. Fiori (1982) descreve que este ato gera um sentimento de proteção, que faz com elas se sintam como se não estivessem sozinhas, a ponto de poderem dormir normalmente quando acompanhadas de tais objetos. Percebe-se nesta cena que a transição ainda faz parte inconsciente da vida destas crianças.

Outro fato curioso está na repulsa que por algum tempo meninos e meninas sentem uns pelos outros. Este fenômeno é compreendido pela psicanálise como fruto de um processo de repulsa do incesto que acaba de ser superado, além da presente atração já reprimida nestas crianças.

Sabe-se que, Freud (1923) trabalhou com as três partes da estrutura psíquica humana: o id, o ego e o superego. Simplificadamente pode-se dizer que o id é o elemento responsável pelo processo primário no plano imaginário. Dele afloram os desejos. Os desejos são como carências que precisam ser saciadas. Saciar carências significa produzir prazer. O id não tem nenhum comprometimento com o real, ele é inconsciente e muitas vezes se manifesta no mundo onírico¹³.

O ego é uma estrutura diferenciada do id por se configurar na realidade. Ele funciona como uma ponte entre o desejo e a realidade por isso, pode-se considerá-lo como uma estrutura secundária. Ele garante o juízo da realidade e caracteriza a personalidade.

Para completar a equação freudiana temos o superego como a outra extremidade do id. Enquanto o id é eminentemente pessoal e individual, o superego é o responsável pelas normas, valores e moral que são internalizadas pelos indivíduos. Nele os valores são estruturados pela mediação feita pelo ego e os desejos do id.

A partir desta breve elucidação sobre a estrutura do psiquismo humano, é coerente considerar que as influências do superego sobre o id, no que tange as relações entre meninas e meninos, associada a não estruturação do ego faz com que meninas e meninos se afastem até que após a estruturação do ego eles tenham condições de se relacionarem de forma harmoniosa rumo à fase genital (adulta), quando estarão aptos para escolher o parceiro do sexo oposto.

Em outras palavras, o que se pretende postular é que a criança tem inconscientemente (id) o desejo pelo outro. Mesmo que este desejo esteja em latência, de certa forma, ele influencia direta ou indiretamente os sentimentos humanos. O id é uma estrutura arcaica do homem, enquanto o ego passa por um momento de organização na mesma proporção em que

¹³ Mundo dos sonhos

a criança percebe a realidade. Contudo, o superego é bombardeado com morais e valores sociais lançados pela família, pela religião e até mesmo pelo meio no qual esta criança vive.

Ora, se existe um desejo latente de busca pelo outro do sexo oposto, mas este outro tem sido colocado à distância por valores inculcados no superego e o mediador deste conflito (ego) ainda não tem amadurecimento suficiente para fazer a mediação, é natural que por algum tempo o superego fale mais alto do que o id, gerando um comportamento conhecido e observado que é a formação de grupos de meninos e meninas.

Observa-se claramente que a criança ouve de seus pais ou afins conceitos como: “criança não namora”, “isso é coisa de menininha (ou de menino, mas sempre com sentido pejorativo)”, “quando você crescer, você vai casar e ter filhos”, “uma menina(o) não pode ficar o tempo todo brincando com meninos (as)”. Estes tipos de intervenções, dos adultos no comportamento infantil, além de se apresentar de forma preconceituosa (meninos que brincam com meninas podem virar bicha), acabam por reafirmar que o afastamento é necessário durante um determinado momento (até “virar gente grande”). Ou seja, o conflito existente na estruturação interna da personalidade infantil é reafirmado e até mesmo estimulado pelos objetos de observação das crianças - os adultos.

Esta influência também ocorre nas escolas que, ao invés de propor uma nova forma de trabalho facilitadora do reconhecimento dos papéis sociais de homens e mulheres, acaba por fortalecer esta competição. Nota-se que a maioria dos professores acabam por repetir as frases citadas acima, ou por promover atividades tais como competições entre grupos meninos contra meninas, que nada mais é do que a prática de preconceitos internalizados. Por que não grupo A e B? Qual a finalidade de se colocar as crianças para andar em filas e ainda separadas de meninos e meninas? Tais comportamentos além de afastar as crianças farão com que elas tenham maiores dificuldades, futuramente, para estabelecer comunicação com pessoas do sexo oposto quando o assunto for sexo ou sexualidade.

Este é um dos obstáculos a ser superados pelos professores de orientação sexual, quando necessitam estabelecer comunicação em turmas mistas. De modo que, estes mesmos alunos que se constroem ao falar sobre sexualidade em grupos mistos, terão constrangimento em falar sobre sexualidade com seus filhos, principalmente se estes forem do sexo oposto ao seu. Neste momento, aquela frase tão conhecida ecoa, “Querida (o) você precisa falar sobre sexo com o fulano (a). Este é o marco do fechamento do ciclo e do tabu em se falar da intimidade dos homens e das mulheres; e a comunicação, motivo de orgulho dos

homens modernos, não é aproveitada para o melhor conhecimento do eu e de sua sexualidade.

Seguindo o cronograma do desenvolvimento, a adolescência é a próxima etapa a ser abordada. Nela todas as crises e conquistas vividas pela criança serão analisadas e organizadas pelo adolescente que se prepara para a vida adulta.

O adolescente vive uma real crise de identidade por não ter um corpo de criança, nem de adulto, não poder se portar como criança, não ter a mesma atenção dos pais que tinha quando criança, mas ter compromissos com o mundo real dos adultos mesmo sem ter autonomia para governar sua própria vida como um adulto.

O contato com a realidade faz com que o ego seja amadurecido e paulatinamente tenha maior interferência sobre o id. Ou seja, com o passar do tempo a criança adquire maior noção do que vem a ser o mundo e as suas relações com ele.

Partindo-se do princípio de que o ego é formado a partir das influências do meio sobre o indivíduo, é plausível considerar que o amadurecimento infantil faz com que o ego se estruture de forma a se tornar mais sólido a ponto de proporcionar ao indivíduo menos angústia em consequência das relações menos conflituosas entre o ego e o id, sendo todo este processo quase completamente inconsciente.

Sob os aspectos físicos, o adolescente tem uma transformação tão rápida do corpo que faz com que ele não se reconheça no próprio corpo. A cada dia uma alteração é percebida. Pêlos se espalham e se multiplicam pelo corpo, os braços ficam alongados e as extremidades são desproporcionais ao resto do corpo tornando-os “desajeitados”. A pele se transforma, a voz muda, os cabelos mudam, tudo muda.

Todas essas alterações são percebidas pelos adolescentes de forma orgulhosa, mas ao mesmo tempo constrangedora. Orgulhosa pelo fato de gerar no grupo identificação pela competição. Como por exemplo: “Quem tem o maior pênis?” “Quem menstruou primeiro?” “Quem já tem bigode ou pelo na axila?”.

Contudo, quando o adolescente se depara com a crueldade de algumas observações proferidas pelos adultos, como: “olha o bigodinho dele”, já está com peitinho, hein? O adolescente se sente ridicularizado por não fazer parte de nenhuma etapa definida do desenvolvimento sexual e emocional.

Nesta mesma ótica, Fiori (1982) conclui que se por um lado as etapas do desenvolvimento da sexualidade são normais para a evolução da genitalidade; de outro, existe o sentimento da real perda da onipotência. *Perda dupla, porque a fantasia bissexual é*

onipotente ao definir como sendo tudo, homem e mulher, fecundante e fecundado, portador das metas da dicotomia humana básica. (FIORI, 1982, a, p.17)

Até aqui, algumas características do adolescente foram apresentadas, de modo que a partir delas o reconhecimento de um indivíduo nesta fase torna-se facilitado.

Contudo, não foi apresentada uma definição da fase denominada adolescência como nas abordagens anteriores. Este fato deve-se a inexistência de uma definição acadêmica para o termo adolescência. Mas qual seria o motivo que torna esta fase tão singular a ponto de não ter uma definição comum com as demais fases do desenvolvimento? Qual seria o principal fator a influenciar o comportamento do adolescente?

Na realidade, o que se observa é que não existe, ou pelo menos não foi encontrado durante esta pesquisa, um único critério para se definir a fase entre a puberdade e a vida adulta.

Este fenômeno acontece pelo fato de que a adolescência não é uma fase natural, ou seja, biológica, do desenvolvimento humano. Ela não é vivida pelos homens de todas as culturas e regiões geográficas. A adolescência é um momento de passagem para a vida adulta constituído a partir de elementos culturais, por isso ela pode se apresentar de maneiras tão diferentes tão diferentes nas mais diversas culturas ou até mesmo não existir como veremos posteriormente.

Se a adolescência não é uma fase natural do desenvolvimento humano, o que justifica a existência deste período tão conhecido, embora não conceituado, em nossa sociedade?

O texto *Tornar-se adolescente* (BOCK *et alli*, 1999) demonstra que a necessidade em preparar seus jovens para vida adulta faz com que as sociedades ocidentais modernas “criem” um momento de preparação psicológica e intelectual para seus adolescentes. Inconscientemente, esta fase vai sendo incorporada como necessária à vida das pessoas a ponto de ter características próprias reconhecidas como naturais, quando foram artificialmente criadas.

O etnólogo Bronislaw Malinowski (Apud, BOCK, 1999) junto com outros pesquisadores da Universidade de Roma fizeram um estudo baseado em pesquisas junto a culturas diversas cujo objetivo era catalogar quais seriam as semelhanças e as diferenças entre as principais fases do desenvolvimento humano. A questão que embasou esta pesquisa foi a seguinte. “Seria possível atribuir estas fases à outras civilizações?”

Malinowski, ao observar alguns jovens trobriandeses (nativos das ilhas do norte da Nova Guiné Oceania), descobriu que a puberdade começa muito antes do que nossa sociedade

admite e que nesta fase os meninos e as meninas já haviam iniciado sua vida sexual. Nesta sociedade não há um rito de passagem para a vida adulta, como em outras sociedades primitivas, mas o que acontece é que o menino, passo a passo, participa da vida da tribo e quando se torna um “membro pleno” pode se casar e desfrutar das vantagens e obrigações da vida adulta, o que geralmente ocorre quando os membros destas sociedades estão no fim da puberdade.

Na realidade, os trobriandeses passam direto da fase pré-adolescente para, como compreendemos no início da puberdade para a vida adulta, ou seja, não existe adolescência tal como nossa sociedade reconhece. Outro ponto que deve ser considerado diz respeito ao tempo pelo qual o jovem permanece nestas fases de transformações, e as crises psicológicas existentes em algumas culturas e ausente em outras. Podemos considerar então, que a adolescência é uma fase típica do desenvolvimento do jovem de nossa sociedade.

A sociedade capitalista prima por considerar o indivíduo adulto, não pelo seu total desenvolvimento cognitivo ou psicológico, mas pela sua capacidade de produção. Ora este aspecto faz com que mesmo dentro de uma única sociedade os adolescentes tenham períodos distintos de passagem para a vida adulta. Ou seja, o menino de treze anos que trabalha como bóia fria já é considerado um adulto pelos seus patrões e por sua comunidade. Ele, como um outro adulto qualquer, vende sua mão de obra ao mercado capitalista. Este mesmo menino pode se casar aos quinze anos e ter filhos. A partir deste momento ele é socialmente considerado um adulto. Em contra partida o filho do fazendeiro de quinze anos ainda estuda, sonha com o futuro, ainda não sabe que faculdade cursar, ou seja, vive outros dramas psicológicos da “adolescência” que o bóia fria não teve o direito de vivenciar.

Pode-se concluir que, mesmo dentro da mesma sociedade a adolescência pode se apresentar de formas distintas de acordo com as vivências dos indivíduos e as oportunidades que lhe foram apresentadas.

Para Knobel (1981), não há dúvidas de que o elemento socio-cultural é um determinante do fenômeno adolescência, mas deve-se considerar que dentro das relações socio-culturais existem embasamentos psicológicos que dão características universais ao adolescente.

O problema da adolescência deve ser tomado como um processo universal de troca, desprendimento, mas que será influenciado por conotações externas peculiares de cada cultura, que o favorecerão, ou dificultarão, segundo as circunstâncias. (KNOBEL, 1981, p.26). Conhecer os principais aspectos e um pouco de cada fase do desenvolvimento social e

psicológico do homem, e principalmente as influências sociais direcionadas ao comportamento humano, é fato elementar, porém fundamental para compreensão do homem, e para elaboração de um projeto pedagógico eficaz. Seja ele voltado para a sexualidade ou para qualquer outra.

III) Meu filho é sexuado: uma descoberta da família

Muitas vezes, por falta de conhecimento, os pais só reconhecem a sexualidade dos filhos quando eles já são adolescentes. Neste momento a família leva um susto ao se deparar com uma situação de impotência frente ao amadurecimento de seu filho. Surge uma questão: tratá-lo, como criança ou adulto?

Em primeiro lugar, é necessário compreender que o adolescente está passando por um momento de extrema instabilidade, devido aos fatores intrínsecos relacionados a sua personalidade.

Knobel (1981) classifica a personalidade do adolescente tanto como perturbada quanto perturbadora do mundo dos adultos. Mas para estabelecer sua identidade, o adolescente é obrigado a entrar no mundo dos adultos, mesmo que ainda não esteja preparado.

Para Aberastury (1981) o adolescente realiza três lutos fundamentais: o luto pelo corpo infantil, pelo papel e pela identidade infantis e pelos pais da infância. Knobel (1981) acrescenta mais um luto que seria o luto pela bissexualidade infantil perdida.

O luto pelo corpo infantil, como dito anteriormente, relaciona-se ao não reconhecimento do novo corpo que se transforma. A desestruturação corporal interfere na organização psicológica do jovem. Aliado ao luto pelo corpo infantil, o luto pelos papéis e pela identidade infantis reflete que o adolescente, na angústia de não reconhecer sua configuração no mundo, prefere voltar ao estágio anterior de seu desenvolvimento, onde possuía papéis definidos, a encarar o futuro desconhecido.

Além de não reconhecer seus papéis, o adolescente não reconhece o papel de seus pais, que também estão sofrendo mudanças no trato com os filhos. Os pais, na tentativa de encontrar um ponto de equilíbrio no trato para com os filhos, não os trata mais como crianças, e isso gera nos filhos o luto pelos pais infantis. Aqueles super-heróis da infância, já têm seus defeitos reconhecidos pelos filhos e não são adutores como antes, mas impõem responsabilidades, deveres, e muitas vezes fazem chantagens financeiras para obter o que dos filhos o comportamento que desejam. Por exemplo: “Enquanto você estiver sob o meu teto, quem manda sou eu?” Ou “Quando você tiver o seu dinheiro, você poderá fazer o que quiser”. Esses são os dois meios básicos de coação dos pais: o dinheiro e a liberdade.

O luto pela bissexualidade infantil está relacionado com o aparecimento dos caracteres secundários¹⁴ que são as testemunhas da determinação sexual e do papel que terão que assumir.

Aberastury (1981) reconhece no comportamento dos pais dificuldades para aceitar o crescimento dos filhos, o que caracteriza que os pais também vivem o luto pelos filhos, pelo corpo infantil do filho, pela sua identidade de criança e pela sua relação de dependência em relação aos pais. Além de *perder para sempre o corpo do seu filho criança, vê-se enfrentado com aceitação do porvir, do envelhecimento e da morte* (ABERASTURY, 1981, p.15).

A masturbação faz parte da fantasia da bissexualidade da criança: *Enquanto a sexualidade do adolescente deixa de ser auto-erótica* (FREUD, 1997, p.75).

Depois de um longo processo de luto, o corpo de criança é renunciado e a *criança abandona a fantasia do onipotente de bissexualidade, base de sua atividade masturbatória*. (ABERASTURY, 1981, p.19).

A partir da aceitação do seu corpo, o adolescente vive as fantasias de penetrar e ser penetrado, esta é a consolidação do modelo feminino e masculino. Neste momento, a figura dos pais é de extrema importância para formação da identidade sexual do adolescente. *A ausência ou deficit da figura do pai vai ser a que determinará a fixação na mãe e, conseqüentemente, vai ser também a origem da homossexualidade¹⁵, tanto no homem quanto na mulher*. (KNOBEL, 1981, p.46). Assim, *aspectos de conduta femininos no rapaz e masculinos na moça são expressões de uma bissexualidade não resolvida*. (KNOBEL, 1981, p.47). Mas isso não significa que estes indivíduos serão homossexuais.

Barros (1998) identifica o homossexualismo com uma modalidade de escolha de objeto, da mesma forma que o heterossexualismo. Ela demonstra ainda que, para Freud (Apude, Barros, 1998), a exclusividade heterossexual é estranha tanto quanto a homossexual e que somente a bissexualidade é universal. Mas é preciso considerar que existem variantes que tornam este processo mais complexo do que as definições apresentadas.

A sexualidade tem sido apresentada pelo ponto de vista da sexualidade masculina. O que não poderia ser diferente em se tratando de um trabalho baseado nos postulados freudianos. Contudo, neste momento a sexualidade feminina será abordada de forma especial e ainda considerando os elementos freudianos.

¹⁴ Menstruação e sêmen.

¹⁵ A homossexualidade é um tema complexo que requer tempo de estudo e pesquisa exclusiva para que haja aprofundamento teórico e científico coerentes.

A mulher foi considerada mulher pela ausência do pênis, ou seja, e sua frustração por não tê-lo seria superada quando ela fosse mãe de um menino. A partir da maternidade a mulher teria sua identidade feminina.

Barros (1998) aponta que para a teoria psicanalítica, uma mulher se torna mulher a partir de um processo onde objetos são trocados de desejo são trocados - *da mãe para o pai – e de zona erógena – do clitóris para vagina, e que nesse processo a identificação com outra mulher é determinante na construção de um semblante que identifique a feminilidade.*(BARROS, 1998, p.166)

Em outras palavras podemos dizer que a menina a prende a ser portar de forma feminina a partir das informações que recebe do mundo.

Para Freud (1923) a mulher era considerada o oposto do homem, a partir de 1924 ele conclui que a inveja do pênis seria superada pela maternidade, em 1925 e propõe o Complexo de Édipo feminino.

Enquanto os meninos temem por perder o pênis as meninas ressentem-se por não tê-lo. O medo de perder o pênis faz com que os meninos saiam da disputa, e as meninas por quererem o pênis entram na disputa afastando-se das mães e aproximando-se dos pais. Depois desta reivindicação pelo pênis, a menina reivindicará um filho. *Até a entrada no Édipo, a menina é um menino.* (BARROS, 1998, p.169)

Em 1931 Freud trabalha especificamente a sexualidade feminina, onde os processos que tornarão a menina em mulher são apresentados. Entre eles o principal é a afirmação de que não se nasce mulher, torna-se. Para Freud (1931), *a feminilidade é uma característica que foge ao alcance da anatomia.* (Apud, BARROS, 1998)

Esta visão sobre mais uma particularidade da sexualidade, e a percepção de que a sexualidade se manifesta de forma diferenciada entre meninos e meninas são fundamentais para compreensão de que o desenvolvimento sexual e a formação de uma identidade sexual estão muito mais relacionados com aspectos psicológicos do que físicos.

IV - Sexualidade: o que a mídia tem a ver com isso?

Em primeiro lugar, torna-se necessário fazer uma breve análise etimológica do termo “mídia”, *que vem do latim e a princípio era escrito como “médica” Média, feminino de “Mēdius”* (CUNHA, 2002, p.509), que tem significado de mediação.

Tendo-se como ponto de partida esta breve análise do termo mídia, pode-se concluir que, pelo menos a princípio, a mídia teria o papel de ser o mediador entre os fatos e a sociedade. Assim ela seria uma maneira, caminho, forma ou canal através do qual o emissor enviaria sua mensagem ao receptor.

O jornalista Alberto Dines (1996/1997) chama atenção para o fato de que o jornalista não é apenas um divulgador de notícias, como ele mesmo destaca, a lista telefônica faz este papel muito bem. Para ele, *o jornalista ao fazer a mediação entre as mudanças que acabam de ocorrer e aquelas para as quais estas mudanças importam, está interpretando, refletindo, repercutindo, ... oferecendo subsídios para a formação dos juízos individuais. (internet)*

O jornalista teria uma função social e política junto à sociedade, a fim de evitar que ela seja subjugada por preconceitos. Entendendo-se que *este preconceito é fruto de uma atitude de quem pensa que sabe e a ignorância de quem não quer ou não pode saber* (DINES, 1996/1997).

Contudo, quando a mídia assume uma posição preconceituosa em suas abordagens, ela deixa de ser mediadora dos fatos para se tornar uma divulgadora das sentenças outorgadas pelos “donos das palavras”.

É importante verificar que a educação tem um papel fundamental na formação de sujeitos críticos, uma vez que estes terão condições de analisar as informações apresentadas, e a partir de sua análise estruturar a informação de modo que este indivíduo não seja mais uma vítima da manipulação dos meios de comunicação de massa, impedindo que o leitor forme seus próprios juízos.

Considerando-se que nos dias atuais a comunicação não se faz somente por intermédio da imprensa escrita, pode-se analisar as mais diversas formas de comunicação como elementos pertinentes ao grupo, que neste trabalho será denominado mídia. Neste sentido, algumas formas de comunicação e informação são apresentadas: todas as formas de imprensa escrita, novelas, propagandas, programas de TV, filmes, músicas, entre outros.

As evidências das influências sofridas pelo homem, por meio das propagandas, podem ser reconhecidas na entrevista concedida para o jornal *A folha de São Paulo* pelo fotógrafo

Toscani (Apud, DINES, 1996/1997), responsável pelas campanhas publicitárias da Benetton, quando afirmou que os gastos com publicidade nos países ricos são duas vezes maiores do que os gastos com educação pública.

Tendo-se por base esta informação pode-se pensar que a realidade dos países mais pobres, os chamados emergentes, não são diferentes, mas pode ter esta proporção ainda mais assustadora.

Kehl (1996/1997) aponta que: *o sujeito onipotente da cultura do narcisismo vive um delírio semelhante ao que Freud descreveu como o estado psíquico regido pelo princípio do prazer: sem história, sem mediação de tempo e esforço entre desejar e obter, sem dívida para com o passado* (KEHL, 1996/1997)

O consumidor compra, ou tenta comprar, como parte complementar do produto o desejo de ser onipotente e onipresente. Este sujeito da cultura do narcisismo se esquece de que até mesmo a liberdade para escolher hoje (presente) está intimamente ligada a uma história de sacrifício no passado.

O sujeito moderno acredita que possuir é diretamente proporcional a ser livre e gozar totalmente da vida. Neste sentido, a psicanálise tem sido uma técnica utilizada na produção da subjetividade quando aliada às técnicas de marketing.

Com mais este ponto a favor da manipulação das idéias pela mídia, torna-se ainda mais importante a plena formação do indivíduo, tanto pela escola e muito mais pela família, no sentido de proporcionar a este jovem a condição de ser sujeito de seus pensamentos e idéias, e não somente massa de manobra dos “marketeiros” de plantão.

Mas qual seria a importância deste fator para o desenvolvimento sexual das crianças em questão neste trabalho? Como o próprio texto sugere o que a mídia, principalmente a TV tem com isso?

Em primeiro lugar, é fundamental destacar que a função do pedagogo na escola está para além dos programas curriculares e metodologias de ensino. Isso não significa que estes assuntos não sejam importantes, mas a função pedagógica do educador também deve estar relacionada com os fatos sociais de sua época e as influências positivas ou negativas destes acontecimentos na vida de seus educandos. Ou seja, a educação, não deve ser considerada pelos educadores como uma realidade para dentro dos muros escolares; pelo contrário, considerando que os alunos são sujeitos em formação que atuam e vão, no futuro, determinar os caminhos pelos quais nossa sociedade passará, a preocupação do educador deve ser com todas as influências e vivências que seus alunos estão tendo fora dos muros escolares. Assim,

a escola perde sua aparência de inútil na visão do aluno, que considera que os conteúdos aprendidos não servem para nada e estão longe de sua realidade, e passa a fazer parte da vida e da realidade de seus alunos ganhando “status” de importância na vida dos mesmos. Ora uma escola sem muros alcança não só seus alunos, como também familiares, e toda comunidade. Neste momento pode-se falar de educadores transformadores. Aqueles que não têm seus olhares limitados aos muros, mas que crêem poder transformar, pelo conhecimento, a ignorância em satisfação de viver.

Basicamente por estes motivos, é necessário que se faça uma análise do que tem sido vivido pelas crianças de hoje, no que diz respeito a sexualidade, sexo, e seus papéis sociais para que a proposta educacional não seja meramente teórica, mas fundamentada em eventos que fazem parte da realidade vivida por professores, pais e alunos.

A maior influência que as crianças têm vivido por parte da mídia é a erotização precoce e atualmente com a novela “O Clone” a banalização do uso das drogas. Neste trabalho, serão abordadas questões que dizem respeito a erotização infantil a partir de publicações jornalísticas que abordaram este assunto. Contudo, nada impede que este trabalho seja uma referência para este tema polêmico e tão grave na sociedade moderna.

O Jornal O Globo publicou uma reportagem em 30 de maio de 1999 cujo título era: *A erotização da infância: educadores discutem o que fazer diante do fenômeno da sensualização das crianças.* (CERZIMBRA, 1999)

Três aspectos devem ser observados nestas primeiras informações da reportagem: em primeiro lugar a data da reportagem indica que o nosso problema de hoje é fruto de um processo que iniciou, no mínimo, há três anos atrás, ou seja, as crianças citadas na reportagem provavelmente estão entrando na puberdade hoje. Em segundo lugar, a manchete aponta para o fato de que os educadores ainda estão discutindo o que fazer, o que significa que ainda não são comuns os programas de orientação sexual nas escolas e os professores, de modo geral, não estão preparados para lidar com este desafio. Em terceiro lugar, é importante observar que quem está chamando a atenção da sociedade para este fenômeno é o mesmo veículo de comunicação que promove, ou facilita este processo de erotização infantil que será apresentado posteriormente.

A reportagem inicia relatando o caso de uma menina de nove anos, que acorda às 6h da manhã para se maquiar, pintar as unhas, perfumar e ir para escola de minissaia e tamancos. A mãe não via nada de anormal no comportamento da menina, até que foi chamada a escola para ser comunicada de que sua filha assediava os colegas de classe com sensualidade.

Outro caso apresentado, foi de uma menina de dez anos que comunicou a mãe que estava namorando um colega de classe. A mãe resolveu então, oficializar o namoro e colocou-os para namorar em casa para tê-los sob vigilância.

A coordenadora Rosa Martins (Apud, CERZIMBRA, 1999), do Jardim Escola Vilhena de Moraes, no Leblon, relatou que foi obrigada a chamar a atenção de uma mãe que cortou o logotipo do colégio da bermuda da filha para “tornar o uniforme mais sexy”.

Esta reportagem apresentou casos de crianças até dez anos aproximadamente, que hoje devem estar com quatorze anos. A segunda reportagem apresentou casos de adolescentes, e foi publicada na revista *Veja* em 13 de fevereiro de 2002. A manchete é mais forte: *O sexo começa cedo e com ousadia*. (CARELLI, 2002)

A reportagem destaca, que em 1990 os adolescentes tinham um hábito, muito comum, conhecido por “ficar”. O que significava na linguagem da época namorar somente por um dia. Por exemplo: eles iam para uma festa, encontravam alguém interessante e simplesmente namoravam (sem sexo) durante aquele evento. A pessoa escolhida podia ser conhecida ou não, mas ficava bem claro que o namoro era somente naquele dia, sem cobranças futuras. Mas agora, o mesmo termo “ficar” ganhou uma nova conotação para os jovens do novo século. “Ficar” é sair para transar um dia, mas com todas as outras características: sem compromisso, sem necessariamente conhecer o outro, mas com camisinha...Será? O mesmo texto da reportagem traz dados assustadores: o número de jovens que contraem AIDS por ano Brasil se mantém estável a uma década. Ele está em torno de 2000 casos por ano.

Um estudo da Universidade Federal de São Paulo feito em todas as regiões do país mostrou que: *...Cerca de um milhão de bebês nascem por ano de mães solteiras entre quinze e dezenove anos...de cada 100 adolescentes que engravidam sem planejar, 25 já têm pelo menos um filho*. (Apud, CARELLI, 2002)

E quando o namoro fica sério? Estudos da Unesco (Apud, CARELLI, 2002) demonstram que o número de casais que usam camisinha em relacionamentos estáveis cai dramaticamente. Foi o caso de uma das histórias relatadas por entrevista a revista *Veja*. Um casal de dezesseis anos, de classe média, cursando o segundo grau. Ela diz nunca ter pensado em engravidar, e que a camisinha estourou, provavelmente por não Ter sido colocada corretamente. Os pais sugeriram o aborto como alternativa, mas os dois preferiram ter o bebê, mas não vão se casar porque são muito novos e ainda estão estudando.

Outro caso é o de uma gaúcha de quinze anos que transa em casa com o aval da mãe em casa, por que assim a mãe se sente mais segura em relação à filha.

Estes fatos demonstram a necessidade de se trabalhar as questões da sexualidade não só com os alunos, mas também com a família.

As meninas buscam respostas para suas dúvidas em revistas femininas vendida a preços acessíveis em bancas de jornal¹⁶. Barros (1998) salienta que a aulas de orientação sexual, a maioria das vezes, não respondem aos questionamentos dos adolescentes por terem seus programas baseados em informações meramente biológicas em detrimento das relações psicológicas¹⁷ que o campo de interesse destes alunos.

As revistas dirigidas ao público feminino adolescente entram nesse terreno ao abordar questões de maneira direta, embora sem se preocupar com o rigor científico das informações passadas. (BARROS, 1998, p.163)

A mídia a todo tempo tenta formar opinião dos seus consumidores, para isso ela utiliza técnicas de psicanálise para entrar na imaginação do seu público alvo. Estejam querendo vender cerveja ou a idéia de juventude eterna. Nesta rede, caem não só as adolescentes, mas também suas mães que tentam projetar em suas filhas sua juventude perdida. Mas é necessário salientar que a perda da infância prejudicará o desenvolvimento social, psicológico e até mesmo cognitivo da criança.

¹⁶ Este assunto será abordado posteriormente

¹⁷ Entende-se por: prazer, amor, relacionamento, virgindade, gravidez...

V – Sexo: um assunto para sala de aula

Diante de tudo que foi apresentado anteriormente, sem a pretensão de que o assunto tenha se esgotado, cabe a reflexão sobre o papel da escola e dos educadores diante do desenvolvimento psicossocial do indivíduo. Será que o papel da escola se limita a transmissão de conteúdos previamente definidos? Será a construção¹⁸ destes mesmos conteúdos, para seguir a nova tendência pedagógica?

Esta resposta não foi encontrada, a princípio, em nenhum livro da bibliografia primária ou secundária deste trabalho. Muito menos um conceito plausível que demonstre qual é o papel social da escola. Onde será que está o teórico capaz de responder a esta pergunta?

O questionamento feito neste momento sobre o papel da escola, não aceita como resposta um conceito geral, formal ou utópico em relação a função social da escola, mas busca chamar a atenção do educador para o tipo de comprometimento individual que ele tem para com esta causa. O comprometimento individual, neste caso, está para além dos objetivos formais da escola enquanto instituição social. Uma vez que, a escola antes de ser uma instituição, é uma célula composta por organelas que juntas lhe garantirão a forma e a complexidade de uma célula. Assim, se existe comprometimento político pedagógico a partir das organelas, este comprometimento micro¹⁹ será refletido na forma e na funcionalidade macro²⁰ da célula.

Em síntese, o professor comprometido com sua função transformadora e com a formação completa de seus alunos, vai optar por uma forma de trabalho na qual seu aluno seja parte do processo ensino aprendizagem, de maneira que os conhecimentos serão construídos de forma bilateral e ambos estarão ligados não só pelo currículo estabelecido, mas pela formação completa do indivíduo. Seja esta formação cognitiva, política, crítica, psicossocial e até mesmo sexual.

A partir da compreensão do aluno enquanto um indivíduo total e sexual, pode-se falar em sexo como um assunto para sala de aula.

Este trabalho em nenhum momento alude à transmissão de valores por parte da escola aos alunos. Se alguém tem este papel, esse alguém não é a escola. A escola cabe dar condições aos seus alunos para que estes tenham condições de avaliar criticamente os valores

¹⁸ Este termo é uma alusão ao movimento “construtivista” que está na moda, mas que tem sido utilizado de forma irresponsável por alguns profissionais, não educadores, sem coerência teórica e prática. A crítica não se direciona ao construtivismo, mas ao mal uso que alguns têm feito de seus postulados.

¹⁹ *Pequeno, em medidas equivalente à milésima parte de um sistema.* (CUNHA, 2001, p.520)

²⁰ *Makrós, vocábulo erudito do grego – Grande* (CUNHA, 2001)

que lhes serão impostos por toda a vida. Assim, o projeto educacional estende seus tentáculos para o futuro cidadão que está sendo formado, e não detém ao trato com a criança de hoje.

Toda demonstração de preocupação com a visão do professor sobre sua própria prática, está fundamentada no duro desafio que é a implantação de um projeto de orientação sexual dentro de uma escola, igreja ou qualquer outro tipo de comunidade. Mas se não fosse assim, não seria um desafio. Mas o que vem a ser orientação sexual?

É uma intervenção pedagógica que favorece a reflexão mediante a problematização de temas polêmicos e permite ampla liberdade de expressão, num ambiente acolhedor e num clima de respeito (SUPLICY et alii, 1999, p.8-9).

A escola é um ambiente propício para a orientação sexual por ser um local onde os alunos poderão encontrar, com mais frequência, informações corretas, profissionais que tratarão do assunto com mais clareza ou abertura do que o aluno teria em casa, é na escola que se aprende os mecanismos biológicos da sexualidade e principalmente, pelo fato de que é na escola que surgem os primeiros desejos sexuais efetivos da maioria dos jovens.

Não abordar questões da sexualidade na escola, significa deixar que os alunos sejam influenciados por preconceitos, tabus e informações inadequadas que poderão comprometer suas experiências futuras.

1) O que justifica a implantação do projeto de Orientação Sexual?

Muitas vezes, a falta de orientação e a busca pela informação faz com que os adolescente, principalmente as meninas, busquem respostas e “dicas” em revistas direcionadas ao público feminino.

Este fenômeno foi estudado por Barros (1998), que analisou a qualidade e o tipo de informação apresentados nestas revistas.

A primeira constatação feita, é de que estas revistas abordam as questões da sexualidade de forma direta, facilitando a compreensão das leitoras, mas não existe preocupação científica alguma com os conteúdos apresentados. A autora destaca que as reportagens são formadoras de opinião, que aproveitam o solo fértil da imaginação das adolescentes que não têm acesso às informações que necessitam ou são alunas de projetos educacionais insatisfatórios que não correspondem suas expectativas.

Atualmente, com a vulgarização do sexo, a sexualidade está sendo muito mais relacionada com o desempenho genital, do que com a satisfação emocional. Por isso a orientação sexual deve trabalhar em prol do amadurecimento mental e na formação da

personalidade sexual do indivíduo. Deste modo, ele poderá lidar de maneira satisfatória com a mudanças que estão ocorrendo em sua vida como um todo, e terá tranquilidade suficiente para assumir suas crenças²¹, valores e sua identidade.

A aceitação da própria identidade, associada à comunicação eficaz propiciará aos alunos um espaço aberto para troca de idéias, gerando o respeito pela diversidade e a aceitação do outro.

Os aspectos sexuais diferenciados de meninos e meninas devem ser abordados de forma diferenciada. A menina deve saber porque existe entre as meninas uma preocupação com o corpo e com a aparência, enquanto os meninos tentam provar sua virilidade e a eficácia de seu pênis.

É sabido, que o estado emocional do homem interfere na sua capacidade de aprendizado. Assim, se questões que são fontes de conflitos e dúvidas forem discutidas de forma harmoniosa, os alunos terão melhores condições para lidar com suas angústias. Angústias por não ser²², não saber e desconhecer o que virá pela frente.

2) Quem deve ser o orientador sexual do projeto?

Suplicy (1999), demonstra que as experiências indicam que o professor (a) é o melhor indicado para desempenhar este papel, porque ele já conhece e acompanha os alunos por algum tempo, e por isso já tem vínculos afetivos com seus alunos. Este professor não precisa ser necessariamente o professor de biologia, embora os conhecimentos biológicos sejam fundamentais para o programa.

Este trabalho propõe que os professores envolvidos no programa sejam de disciplinas diversas, uma vez que além de orientação os alunos poderão ter uma noção mais abrangente das influências da sexualidade na sociedade como um todo. Assim, os professores poderão abordar a sexualidade dentro de suas áreas de conhecimento onde aspectos sociais, políticos, históricos, geográficos, culturais poderão ser analisados como fatores influenciados pela sexualidade dos indivíduos. Os professores de matemática podem abordar questões estatísticas, e os de português podem propor um trabalho que pesquise qual a influência da língua portuguesa na sexualidade do homem. Ou seja, para o bom andamento do projeto, é necessário que haja comprometimento e integração dos professores da instituição coordenados por um orientador que será o responsável pelo projeto.

²¹ É sabido que em algumas religiões o sexo só é permitido dentro do casamento

²² Como dito anteriormente o adolescente não se reconhece nem com adulto, nem como criança.

Suplicy (1999) indica, alguns procedimentos básicos a serem seguidos pelos orientadores, dos quais serão destacadas algumas idéias:

- O orientador deverá facilitar as discussões,
- Evitar situação de autoritarismo²³
- Dinamizar os encontros,
- Promover a expressão dos sentimentos,
- Estimular a confiança uns nos outros,
- Evitar depoimentos sobre a própria vida sexual,
- Promover a formação da identidade,

É mister destacar que, o professor não poderá fornecer a pessoas externas ao grupo qualquer tipo de informação sobre os depoimentos dados pelos alunos, e da mesma forma os alunos deverão manter sigilo em relação às colocações dos colegas, respeitando o direito de fala de cada um.

Os orientadores deverão se preparar para situações não programadas, como: risos, cochichos, solicitação de opinião pessoal do professor, comentários preconceituosos, presença flutuante²⁴, e outras surpresas.

Durante a abordagem do desenvolvimento emocional e socialização, buscou-se enfatizar a importância do reconhecimento de que a sexualidade se apresenta em todos os aspectos, momentos e elementos da vida humana. Partindo-se desta premissa, o projeto de orientação sexual não pode ficar limitado ao âmbito escolar, e mais do que isso, é direito dos pais saber o que seus filhos estão aprendendo na escola.

Os pais deverão ser informados²⁵ acerca de todos os detalhes do projeto a ser implantado, assim como deverão ser convocados a participar de reuniões onde terão espaço para debater sobre a proposta programa, se informar e até mesmo participar dando orientações e tirando suas dúvidas.

²³ Este tipo de comportamento é bem conhecido de grande parte dos alunos, em suas casas. A escola deve ser um ambiente neutro.

²⁴ A utilização de chamadas não garante que os alunos em sala estejam interessados nos assuntos a serem abordados. Neste caso, a liberdade para freqüentar as aulas será o termômetro para avaliação do projeto pelo seu coordenador.

²⁵ As informações não incluem os depoimentos dos alunos em classe ou e conversa particular com os orientadores.

Os pais poderão receber um convite para reunião, com um texto simples, entregue pelos próprios alunos. Por exemplo:

Prezados responsáveis,

A Escola(.) tem o prazer de convidá-los para uma reunião dia(.) hora(...), em que será discutido o programa de Orientação Sexual a ser implantado em nossa escola.

A presença de vocês é fundamental devido à importância do tema para a educação de seus filhos. Gostaríamos de pôr em discussão o que temos a propor e ouvir suas sugestões (SUPLICY, 1999, p.38)

Caso a escola já tenha um projeto, segue outro modelo de convite para uma reunião com os pais.

Prezados responsáveis,

Nossa escola desenvolve, há algum tempo, nas diferentes séries um Projeto de orientação Sexual que tem sido muito importante para a formação dos nossos jovens. Vocês estão convidados a vir conversar conosco para e inteirar melhor desse projeto, e apresentar suas sugestões. (SUPLICY et alii, 1999, p.39)

Convidar os pais para reunião é uma boa forma de buscar adesão ao projeto, mas problemas podem surgir a partir desta atitude, como os enumerados abaixo:

- Pais que não comparecem
- Pais que não autorizam a participação dos filhos
- Pais que não recebem a carta, porque os filhos têm vergonha

Todas essas hipóteses devem ser consideradas, como possíveis alvos a serem previamente atingidos no momento da elaboração efetiva do projeto.

3) Que temas devem ser abordados?

As indicações de temas feitas neste item, não representam um modelo a ser seguido, mas é uma forma de exemplificar a proposta que está sendo feita. Os temas trabalhados pelos orientadores deverão ser coerentes com a realidade de cada grupo, com as áreas de interesse dos mesmos e com os objetivos do programa.

- **Corpo: Conhecendo este desconhecido**

O corpo deve ser abordado, não só fisicamente mas também devem ser consideradas as influências externas e psicológicas que todo homem tem em seu corpo, desde o momento do nascimento até a morte.

O trabalho das linguagens corporais pode auxiliar no desenvolvimento de todos os temas abordados posteriormente, a parti do incentivo a utilização do corpo como meio de comunicação²⁶.

As diferenças entre corpos também devem ser abordadas. Os corpos velhos, novos, diferentes, em fim corpos em constante transformação assim como o dos adolescentes.

- **Aborto: uma reflexão sobre a vida**

A questão do aborto deve ser trabalhada de forma clara e responsável, afim de que os jovens percebam a complexidade desta escolha, sem perder de vista as diferentes implicações desta escolha se refere a no mínimo duas pessoas.

Aspectos legais também devem ser trabalhados e pesquisas sobre o tema devem ser apresentadas.

- **AIDS: se ele não for, pode mandar uma amiga²⁷.**

Os alunos devem conhecer a este assunto e reconhecê-lo com parte da realidade do mundo atual. Ou seja, qualquer pessoa pode pegar Aids hoje. Não se fala em grupo de risco como antigamente, todos fazem parte deste risco. Uns²⁸ por falta de sorte ou responsabilidade do Estado que não garante a qualidade do sangue utilizado nos hospitais, colocando a vida de todos em risco. Outros fazem parte deste grupo por ignorância ou negligência.

²⁶ Sugestão de leitura: WEIL, Pierre & TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*. Petrópolis, Vozes, 1996.

²⁷ Outro tipo de doença sexualmente transmissível.

²⁸ É válido lembrar que qualquer acidentado na rua é encaminhado a um hospital público, mesmo que tenha plano de saúde ou dinheiro para pagar por um atendimento particular.

A Aids não é a única vilã, assim como ela, existem outras DST's²⁹ que também podem ser adquiridas pelo sexo inseguro.

- Preconceito

Este tema é fundamental. O preconceito deve ser abordado em seus mais diversos âmbitos: contra o portador do HIV, do uso da camisinha, religioso.

Entre outros temas, são destacados: Menstruação, virgindade, namora, gravidez, parto, métodos anticoncepcionais, masturbação, respeito, família, casamento, amizade, prazer, erotismo e tabus.

O mais importante, no que diz respeito ao tema deve ser a coerência mantida em abordar-se assuntos que sejam de interesse do grupo. Os interesses do grupo devem estar mesclados aos objetivos traçados pelos orientadores, de modo que o programa cumpra sua proposta sem decepcionar as expectativas do grupo de orientandos.

²⁹ Doenças Sexualmente Transmissíveis.

CONCLUSÃO

Lembrando que muito ainda resta verificar dentro deste âmbito de estudo, enfatiza-se, que buscou-se estabelecer um elo entre a teoria sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil e os conhecimentos de mundo com a realidade em que se vive hoje.

Mesmo com as limitações em se esgotar o tema abordado, pode-se concluir que o desenvolvimento da sexualidade é um fator determinante para a vida do homem, principalmente durante a vida adulta. As vivências infantis e juvenis são determinantes no comportamento e comprometimento da vida adulta. Assim, a criança, que não vive de forma sadia suas etapas do desenvolvimento, pode sofrer durante a adolescência e a vida adulta problemas relacionados ao desenvolvimento emocional, sexual, cognitivo. Além de ter problemas na formação de sua identidade, aceitação do próprio corpo, e dificuldades em sua definição sexual.

Problemas de ordem social também podem ser evitados, a partir da comunicação, da informação precisa e coerente, e na troca de experiências vividas dentro do grupo.

Suplicy (1999) demonstra que, ao contrário do que se pensa, a informação e o diálogo tem sido as peças chaves em projetos escolares onde o número de gravidez indesejada na adolescência tem diminuído muito. Outro fato surpreendente é que a idade com que os jovens estão tendo a primeira relação sexual se eleva na mesma proporção em que estes fazem parte de programas de orientação sexual bem sucedidos. Isso não significa que os jovens estão sendo induzidos a terem sua primeira relação sexual tardiamente, mas que eles estão encarando esta experiência com mais seriedade e maturidade.

Outra conclusão que se pode tirar a partir deste trabalho, está relacionada a curiosidade que todo homem, contudo, esta busca por saber pode levá-lo a respostas erradas ou incoerentes, que uma vez consideradas verdadeiras podem trazer sérios comprometimentos para toda vida do indivíduo. Sejam estes comprometimentos psicológicos, sexuais ou até mesmo cognitivos.

A sexualidade não é um assunto cuja responsabilidade seja exclusivamente escolar, mas com é sabido que em muitas famílias este assunto não é a bordado, cabe a escola ser o facilitador desta comunicação, mesmo que para isso seja necessária a implantação de um

projeto para orientação de pais quando a sexualidade de seus filhos. Assim a família poderá fazer um trabalho conjunto com o trabalho escolar, de forma que os laços afetivos entre pais e filhos sejam ainda mais estreitados ou estabelecidos.

A escola não deve ser um ambiente propagador de valor e moral, mas deve proporcionar condições para que os alunos tenham capacidade de escolher e criticar os valores recebidos.

Neste sentido, o trabalho com a família pode ser fundamental na quebra de preconceitos e tabus, mas considerando sempre, a individualidade e o direito de manifestação de idéias, bem como as divergências religiosas que, muitas vezes, se estendem até as questões sexuais³⁰.

O projeto de orientação sexual é mais um facilitador da comunicação, da troca de idéias e do pensar sobre a própria realidade. Assim, mesmo quando os temas forem comuns como gravidez, aborto, AIDS, métodos anticoncepcionais e menstruação, os alunos devem ser incitados a pensar e analisar sua realidade dentro das situações propostas.

Como resposta ao objetivo primeiro deste trabalho, que é analisar a importância de um projeto de orientação sexual na escola, o último, mas não menos importante, item deste trabalho é uma proposta de orientação sexual para ser trabalhada em sala de aula, mas não necessariamente em uma escola, uma vez que a prática pedagógica de educadores transformadores deve está voltada para o homem e sua comunidade, e não somente para a instituição denominada escola. Esta proposta não deve ser considerada como um modelo a ser seguido, mas como um olhar sobre a realidade brasileira e a necessidade humana de se conhecer, e a partir deste conhecimento viver melhor.

³⁰Exemplo: Considerar o sexo fora do casamento como pecado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- BARROS, R. M. M. "A adolescência e o tornar-se mulher". In: FARIAS, F. R. E DUPRET, L. M. *A pesquisa nas ciências do sujeito*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998, p.157-183.
- BOCK, A M. B.; FURTADO, °; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CUNHA, A.G. *Dicionário etmológico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. *Cinco Lições de Psicanálise: Contribuições à Psicologia do Amor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GANDIN, D. *Prática do Planejamento Participativo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *O preconceito*. LENER et alii. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.
- LÜCK, H. *Ação integrada: Administração, Supervisão e Orientação Educacional*. Petropolis: Vozes, 2000.
- RAPPAPORT, C. R. et alii. *Psicologia do Desenvolvimento: Teorias do desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1981.v.1.
- _____. *Psicologia do Desenvolvimento. A infância Inicial: O bebê e sua mãe*. São Paulo: EPU, 1981.v.2.
- _____. *Psicologia do Desenvolvimento: A idade pré-escolar*. São Paulo: EPU, 1981.v.3.
- _____. *Psicologia do Desenvolvimento: A idade escolar e a adolescência*. São Paulo: EPU, 1982.v.4.

JERUSALINSKY, A. *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil*. São Paulo: Artes e Ofícios. 1986

BIBLIOGRAFIA

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BARROS, R. M. M. "A adolescência e o tornar-se mulher". In: FARIAS, F. R. E DUPRET, L. M. *A pesquisa nas ciências do sujeito*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998, p. 157 - 183.

BOCK, A M. B.; FURTADO, °; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1999.

CARELLI, G. Sexo começa cedo e com ousadia. **Revista Veja**, São Paulo, v.13, fev.2002.

CEZIMBRA, M. A erotização da infância. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 maio.1999. *Jornal da Família*, p.1.

CUNHA, A.G. *Dicionário etmológico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *O preconceito*. LENER *et alii*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

RAPPAPORT, C. R. *et alii*. *Psicologia do Desenvolvimento: Teorias do desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1981.v.1.

_____. *Psicologia do Desenvolvimento. A infância Inicial: O bebê e sua mãe*. São Paulo: EPU, 1981.v.2.

_____. *Psicologia do Desenvolvimento: A idade pré-escolar*. São Paulo: EPU, 1981.v.3.

_____. *Psicologia do Desenvolvimento: A idade escolar e a adolescência*. São Paulo: EPU, 1982.v.4.

FIORI, W. R. *Modelo Psicanalítico*. In: RAPPAPORT(coord.) *Psicologia do Desenvolvimento: Teorias do desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1981.v.1.a.

_____. *A organização afetiva inicial*. In: RAPPAPORT(coord.) *Psicologia do Desenvolvimento: O bebê e sua mãe*. São Paulo: EPU, 1981.v.2.b.

_____. *Desenvolvimento Emocional*. In: RAPPAPORT(coord.) *Psicologia do Desenvolvimento: A idade pré-escolar* : EPU, 1981.v.3.c

_____. *Desenvolvimento Emocional*. In: RAPPAPORT(coord.) *Psicologia do Desenvolvimento: A idade escolar e a adolescência* : EPU, 1982.v.4.d.

SUPLICY, M. *et alii*. *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olho d'água, 1999.